

Frei Agostinho, o poeta da Cruz

Prof. Luís Arezes

1. Vida

*“Na ribeira do Lima fui nascido,
Na do Mondego e Tejo fui criado,
E na serra, em que vivo, envelhecido,*

*Onde esperando estou o desejado
Fim dos meus longos anos mais vizinho,
Quanto de cada vez mais alongado”¹.*

É assim que o poeta se autobiografa, na elegia XVI, quando sente o fim a aproximar-se. Fá-lo de uma forma breve, lacónica, como convém a um homem que optara, na sua juventude, por uma vida humilde, discreta, contemplativa.

Nascido em 1540, em Ponte da Barca, Agostinho Pimenta toma o hábito da Ordem dos Capuchos Arrábidos com 20 anos de idade, adoptando o nome conventual de Frei Agostinho da Cruz. Aos 65 é Guardião do Convento de S. José de Ribamar e por essa altura, isto é, em 1605, sobe à serra para seguir vida eremítica. “Foi seu ditoso trânsito na noite de 14 de Março do ano de 1619”².

Irmão do poeta Diogo Bernardes, Agostinho, apenas principiava “a contar os anos da puerícia”, entrou ao serviço do “Infante D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, e da Senhora Dona Isabel, Fundadora do nosso Convento de Santa Catharina de Ribamar”³.

Segundo vários autores, foi aí que Agostinho “teve contacto com os fidalgos da Casa de Aveiro, o Duque D. Álvaro de Lencastre, sobrinho do 1.º Duque de Aveiro, D. João de Lencastre, e com o filho de D. Álvaro, D. Jorge, Duque de Torres Novas. Deste convívio resultaria um especial afecto da casa de Aveiro por Frei Agostinho”⁴, o mesmo se podendo dizer do arrábido em relação aos membros dessa progénie.

É, aliás, a Dom Álvaro d’Alencastro, Duque de Aveiro, que Diogo Bernardes dedica a sua obra *O Lima*, assumindo claramente que nessa decisão muito contribuiu o facto de ter achado “o Padre meu Irmão, Fr. Agostinho da Cruz, Capucho d’Arrábida, súbdito de V. Excelência, desta minha mesma opinião”. A comprová-lo, incorpora no livro, “para desculpa

¹ CRUZ, Frei Agostinho da, *Sonetos e Elegias*. Estudo, estabelecimento crítico do texto e notas de António Gil Rafael, Hiena, Lisboa, 1994, p. 215.

² PIEDADE, António da, *Espelho de Penitentes e Chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida*, Officina de Joseph Antonio da Silva, Lisboa, 1728, pp. 931-932. Os restantes dados biográficos são uma conclusão do referido pelo cronista.

A questão da naturalidade de Frei Agostinho da Cruz e do seu irmão Diogo Bernardes esteve na origem de uma extensa discussão. Havia os que consideravam Ponte de Lima a terra-berço dos poetas e os que argumentavam tratar-se de Ponte da Barca. Actualmente, graças aos contributos de Álvaro Pimenta da Gama, Delfim Guimarães, Gomes de Abreu, José Sousa Machado, Hemetério Arantes, Carolina Michaëlis e, sobretudo, Avelino de Jesus da Costa, não restam dúvidas e o problema está ultrapassado em favor de Ponte da Barca.

³ *Ibidem*, p. 924. O Infante D. Duarte, pai, era filho do rei D. Manuel e da rainha Dona Maria, e irmão de D. João III e do Cardeal D. Henrique.

⁴ FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *A vida e conversão de Frei Agostinho: entre a aprendizagem e o ensino da Cruz*, Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1999, p. 37.

minha, e honra do mesmo *Lima*”⁵, um soneto seu que, ao mesmo tempo, esboça importantes elementos autobiográficos:

*“Do Lima, donde vim já despedido,
Cavar cá nesta terra a sepultura,
Não sinto que louvar possa brandura
Sem me sentir turbar do meu sentido.*

*A lã de que me vêem andar vestido,
Torcendo em várias partes a costura,
Os pés que nus se dão à pedra dura,
Nem me deixam ouvir, nem ser ouvido.*

*O povo, cujo aplauso recebeste,
Vendo teu brando Lima dedicado
A Príncipe Real, claro, excelente,*

*Louvará muito mais quanto escreveste.
De mim, meu caro irmão, menos louvado,
Louva comigo a Deus eternamente”*⁶.

“Este convívio com os Duques de Aveiro, e o contacto com os frades arrábidos, de cujo convento os Duques eram padroeiros, (...) tiveram, certamente, conforme sugerem os seus biógrafos, um papel importante na opção tomada por Agostinho Pimenta de vestir o hábito dos frades arrábidos, em 1560, com vinte anos de idade”⁷.

Continuam desconhecidos os motivos profundos que o levaram a deixar o mundo e a refugiar-se na vida religiosa, na solidão e contemplação da serra e das águas imensas do oceano. Não faltam, no entanto, interpretações biografistas da sua obra literária, opção metodológica discutível, na medida em que gera numerosos equívocos⁸.

José Quadros garante que ficou a dever-se ao apreço que Agostinho nutria pelo frade arrábido Frei Jácome Peregrino, o Tio, e ainda à ingratidão daqueles que considerava seus amigos.

Hemetério Arantes vai ainda mais longe e concretiza. Diz ele que Agostinho abandonou o mundo por causa de um amor infeliz e da guerra que, talvez por esse amor, lhe moveram. Por outras palavras, a sua conversão foi o resultado de uma ferida aberta pela *lança do Amor* e pela *lança da Difamação*.

A. Pires de Lima e Manuel Gamito, por sua vez, valorizam muito mais as injustiças em detrimento de uma paixão mal correspondida. Gamito diz mesmo que essas é que terão produzido “no espírito de Agostinho a crise que o determinou a deixar a vida do século e a refugiar-se na paz claustral, fugido do mundo e dos homens, em busca da verdadeira liberdade. [...] O poeta deve ter sido difamado, vencido, perseguido, desprezado, abatido injustamente”⁹.

⁵ BERNARDES, Diogo, *O Lima*, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1946, p.1.

⁶ CRUZ, Agostinho da, *op. cit.*, p. 2.

⁷ FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *op. cit.*, pp. 41-42.

⁸ Uma síntese das várias interpretações é apresentada por FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *op. cit.*, pp. 42-48.

⁹ GAMITO, Manuel, “O segredo de Frei Agostinho”, in *A Indústria*, 14.03.1940, p. 1, citado por FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *op. cit.*, p. 46.

O próprio Teixeira de Pascoaes, que hesitou em ver no amor a causa da sua consagração religiosa, acabou por se deixar seduzir por esta ideia, romaneando a tristeza do poeta ao contemplar, num vasto salão, a “dama fria e sorridente”:

“Pobre e divino Poeta! A sua alegria falada de outros tempos emudecera ante aquela dama fria e sorridente: – um bloco de gelo e formosura que se lhe cravou no coração. A imagem da primeira mulher amada e que não ama petrifica, na nossa memória, em formas agudas e cruéis que a fazem sangrar eternamente.

O poeta, desprezado e incompreendido, interiorizou-se nas cousas que o amaram, iluminadas de brandura e transparência, a suavizar-lhe as chagas abertas por femininas garras cor-de-rosa. Nestes momentos de queda redentora, em que *compramos a lágrimas quem nos vende*, as árvores, as pedras e as estrelas têm para nós uma expressão de simpatia condoída. [...] As cousas, como velhas estátuas da dor, amam os que sofrem. [...] Todo o espírito superior, na luta vencedora contra a materialização, ou se mata, como Antero de Quental, ou, como Frei Agostinho da Cruz, força a barreira tenebrosa e ajoelha, rezando, aos pés de Deus...”¹⁰.

Nem todos os estudiosos, porém, partilham esta visão romântica da vida e da vocação de Frei Agostinho.

Maria Eugénia Ferreira¹¹ foi a primeira autora que, em 1957, se insurgiu contra estas interpretações, sublinhando que a maior parte das queixas de perseguições, traições, desamparos, ingratidão e difamação se refere não aos motivos da conversão, mas a questões internas surgidas muito depois da sua conversão e entrada na Ordem dos Arrábidos. Eram dificuldades levantadas por aqueles que viviam no convento e que, zelosos da reforma, punham em causa a vida eremítica, isto é, fora do convento, que alguns frades seguiam, entre eles Frei Agostinho da Cruz que, em 1605, no dia de S. José, com 45 anos de religioso e no mesmo ano em que aceitara ser Guardiã do Convento de S. José de Ribamar, conseguiu, finalmente, a tão desejada licença para empreender vida eremítica, na serra da Arrábida.

É verdade que o poeta se lamenta de situações verificadas antes da sua conversão. Basta referir estes tercetos da elegia IV:

*“Cruel me foi a minha própria terra
Em que nasci; cruel e desumano
O sangue meu que nela me fez guerra.*

*Movido de tão claro desengano,
Desconfiado vim de nunca mais
Tornar a confiar em peito humano”¹².*

Só que estas queixas têm uma frequência e uma importância bem menores do que aquelas que se relacionam com os acontecimentos adversos vividos pelo poeta, ao longo da sua vida de frade capucho e de eremita da Arrábida. Além disso, não deixa de ser curioso e surpreendente “verificar que o seu irmão, Diogo Bernardes, apresenta queixas muito semelhantes às suas, sem que por isso tenha decidido entrar na vida religiosa”¹³. Na écloga

¹⁰ PASCOAES, Teixeira de, *Os poetas lusíadas*, Assírio e Alvim, Lisboa, 1987, p. 115, citado por FÁRIA, Daniel Augusto da Cunha, *op. cit.*, pp. 47-48.

¹¹ Cfr. FERREIRA, Maria Eugénia Pedro de Jesus, *O sentimento religioso em Frei Agostinho da Cruz*, dissertação para licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no ano lectivo de 1956/57, Coimbra, 1957.

¹² CRUZ, Agostinho da, *op. cit.*, p. 168.

¹³ FÁRIA, Daniel Augusto da Cunha, *op. cit.*, p. 69.

XV, por exemplo, o diálogo desenvolve-se entre Peregrino e o pastor Limiano. Face ao espanto do primeiro, que observa Limiano diferente dos tempos em que andava alegre “nos largos campos do famoso Tejo”, este responde:

*“Tinha lá para mim que a vida tinha
Mais sossegada cá, e mais segura,
Ante os meus, que com gosto buscar vinha.*

*Foi de outro parecer minha ventura,
Discórdias achei cá, achei dureza,
Em lugar de sossego e de brandura.*

*Achei as boas leis da natureza
Vencidas de interesse, e a gente cega,
Que, mais que o sangue seu, seu gado preza.*

*[...] Assim me aconteceu a mim comigo,
Seguro sempre ao longe, sempre ledó,
Triste e tratado ao perto como inimigo.*

*[...] Que, sendo assim, te digo
Que não espero mais
Nesta para mim sempre ingrata terra”¹⁴.*

Abraçada a vida eremítica, aos 65 anos de idade, foi no isolamento da serra que Frei Agostinho passou os restantes catorze anos de vida. Estava concretizado o seu grande desejo, a avaliar pelas palavras de Limabeu – criptónimo e *alter-ego* do poeta – na écloa *Da mudança da Arrábida*:

*“Confesso que fui sempre afeiçoado
A solitários bosques do deserto,
Que ensinam a viver desenganado”¹⁵.*

Segundo os biógrafos setecentistas e o próprio cronista da Povíncia de Santa Maria da Arrábida, Frei Agostinho conseguiu aí uma tal sintonia com a natureza que os animais selvagens e as aves tinham por ele um especial afecto. Procuravam-no, vinham comer-lhe à mão o que lhes dava e, depois, retiravam-se, obedientes.

“No tempo que lhe restava das suas obrigações, e devotos exercícios, se divertia em fazer bordões, que dava aos Frades, e oferecia aos Duques e Duquesas, quando o visitavam. Também pela inclinação, que tinha à Poesia, compunha a vários assuntos espirituais muitos sonetos, e outras variedades de versos”¹⁶.

Aí permaneceu eremita, até 1619. Nesse ano, “chegou o tempo, que Deus tinha determinado, para lhe premiar os merecimentos da sua penitente vida, e o chamou por meio de uma aguda febre, em cuja disputa se sentiu logo a natureza sem forças para lhe poder resistir. Foi conduzido à [...] Enfermaria da Vila de Setúbal. [...] Foi seu ditoso trânsito na noite de 14 de Março do ano de 1619”¹⁷.

¹⁴ BERNARDES, Diogo, *op. cit.*, pp. 104-105 e 121.

¹⁵ CRUZ, Agostinho da, *Obras de Frei Agostinho da Cruz*. Prefácio e notas de Mendes dos Remédios, Editora França Amado, Coimbra, 1918, p. 55.

¹⁶ PIEDADE, António da, *op. cit.*, pp. 929-930; 933, citado por FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *op. cit.*, p. 197.

¹⁷ *Ibidem*, pp. 930-933, citado por FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *op. cit.*, p. 49.

2. Obra

O problema da autenticidade da obra poética de Frei Agostinho da Cruz é um assunto que se mantém de pé. De facto, continua por aparecer uma edição crítica de toda a produção do vate e Aguiar e Silva não tem dúvidas em considerar que este autor é um caso paradigmático dos problemas de crítica textual que se colocam quando se estuda a autoria dos textos da lírica da última década do séc. XVI e dos primeiros anos do séc. XVII¹⁸.

Para os sonetos e as elegias, saiu, recentemente, uma edição crítica de António Gil Rafael. De qualquer forma, pouco acrescenta ao trabalho que já havia sido realizado por Aguiar e Silva, corrigindo, isso sim, a edição de Mendes dos Remédios, datada de 1918, que, para além dos sonetos e elegias, inclui a restante produção, como éclogas, cartas, odes...

Em relação às éclogas, elegias, odes e cartas, não têm sido levantadas dúvidas quanto à sua autoria. No seu conjunto, apresentam uma grande unidade de temas, motivos, conceitos, linguagem, ambiente e itinerário e constituem mais de metade dos versos conhecidos compostos por Frei Agostinho da Cruz¹⁹.

Há ainda um conjunto de composições em castelhano que carecem de confirmação de autoria, apesar de, tradicionalmente, serem atribuídas ao capucho arrábido.

Salvaguardada uma ou outra dúvida em relação a determinadas composições, é possível consultar a obra de Frei Agostinho da Cruz através das seguintes edições:

CRUZ, Agostinho da, *Obras de Frei Agostinho da Cruz*. Prefácio e notas de Mendes dos Remédios, Editora Franca Amado, Coimbra, 1918.

CRUZ, Agostinho da, *Sonetos e Elegias*. Estudo, estabelecimento crítico do texto e notas de António Gil Rafael, Hiena, Lisboa, 1994.

CRUZ, Agostinho da, “Apêndice I. Poesias inéditas de Frei Agostinho da Cruz contidas no manuscrito BNL FG 7691”, in SILVA, Vítor Manuel Aguiar e, *Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa*, Centro de Estudos Românicos, Coimbra, 1971, pp. 505-531²⁰.

3. Perfil literário

Por ocasião das celebrações do IV centenário do nascimento de Frei Agostinho da Cruz, o poeta Afonso Lopes Vieira, numa mensagem radiofónica, transmitida no dia 3 de Maio de 1940, disse que o capucho da Arrábida “é, por excelência, o poeta místico de Portugal. [...] Frei Agostinho da Cruz é um grande lírico na poesia do misticismo”²¹.

¹⁸ Cfr SILVA, Vítor Manuel Aguiar e, *Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa*, Centro de Estudos Românicos, Coimbra, 1971, pp. 52-67.

¹⁹ Cfr. FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *op. cit.*, pp. 277-278.

²⁰ O manuscrito, do séc. XVII, é uma cópia de 128 composições de Frei Agostinho da Cruz, exceptuados quatro sonetos, três dos quais Aguiar e Silva atribui a Martim de Crasto do Rio e o outro a Fernão Lobo Soropita (Cfr. SILVA, Vítor Manuel Aguiar e, *op. cit.*, p. 68).

²¹ VIEIRA, Afonso Lopes, “Em Louvor de Frei Agostinho da Cruz”, in *Subsídios para a História da Terra da Nóbrega e do Concelho de Ponte da Barca, II*. Comunicações apresentadas no Seminário “Da Terra da Nóbrega ao Concelho de Ponte da Barca”, Centro Cultural Frei Agostinho da Cruz e Diogo Bernardes, Ponte da Barca, 1998, p. 237.

A classificação da poesia de Frei Agostinho da Cruz como mística é uma questão complexa e tem merecido a atenção de vários autores.

Maria de Lourdes Belchior, em 1971, considerando que “Mística é a poesia que tenta dar expressão a uma experiência de Deus, extraordinária e inefável”, afirma que não há “sinais visíveis e inequívocos de uma experiência mística” na poesia de Frei Agostinho da Cruz e que, se existem, são mais manifestação de um desejo do que “ecos de uma experiência mística” a comunicar-se. Mais de um século antes de Belchior, já Teófilo Braga classificara Frei Agostinho da Cruz como poeta espiritual e não poeta místico. Em 1919,

Na mesma altura, António Tavares escrevia em *O Setubalense* que “Frei Agostinho da Cruz foi o cantor glorioso da Serra da Arrábida, foi um dos maiores, senão o Maior lírico quinhentista; os seus versos são de ouro, a sua fé tem a pureza do cristal, a sua bondade quase atinge a santidade”²².

Alguns anos antes, em Junho de 1918, já Teixeira de Pascoaes exaltara, desassombradamente, a vida e a obra de Agostinho da Cruz. No Instituto de Estudos Catalães de Barcelona, confessara: “Camões é o poeta que eu mais admiro. Frei Agostinho é o poeta que eu mais amo: o poeta mais sincero e lusíada que Deus abençoou”²³. Ora, como justamente conclui Moreira das Neves, amar é mais do que admirar.

Estas são algumas apreciações valorativas da importância de Frei Agostinho da Cruz. Porventura algo exageradas, mas que mostram claramente o lugar único que este poeta ocupa, por mérito próprio, na História da Literatura Portuguesa dos sécs. XVI-XVII.

Formado e amadurecido na segunda metade do séc. XVI, Agostinho da Cruz vive um tempo de crise, crise do Renascimento, crise da Reforma e da Contra-Reforma. O que avulta, nesta época, é uma concepção pessimista do homem, entendido “como um ser miserável e radicalmente corrupto, apenas redimível através de um acto da graça de Deus”²⁴. O que é bem visível é o “sentimento de insegurança existencial, de efemeridade das coisas e dos bens do mundo, de incoerência do universo, a visão pessimista do homem [que] haviam de gerar o sentimento do desengano, o arrependimento, o anseio dolorido de penitência e a busca de Deus”²⁵.

O ambiente estético e espiritual maneirista reflecte isto mesmo, preconizando um modo próprio de ver o mundo e de encarar a vida, ao mesmo tempo que (sobre)valoriza o conflito, a contradição:

*“Perdi-me dentro de mim, como em deserto,
Minha alma está metida em labirinto,
Contino contradigo o que consinto,
Cem mil discursos faço, em nada acerto”*²⁶.

Tal como acontece com os poetas maneiristas, também Agostinho da Cruz apenas vislumbra um único caminho para se libertar deste labirinto, para sair do deserto – Cristo crucificado é o seu Redentor, o lugar onde repousa e se aquieta é o seu lado aberto. E é na Cruz que a tristeza se converte na alegria da nossa redenção:

*“Em ti, suave Cruz, posto que dura
Por ver sangue inocente derramado,
Pregado pés e mãos, aberto o lado,
Donde minha esperança se pendura.*

Hemetério Arantes, por sua vez, recusa o misticismo do autor. António José Saraiva e Óscar Lopes entendem que ele não chega a ser literariamente um místico, mas um poeta religioso, enquanto Maria Eugénia Ferreira afirma que a poesia do arrábido é, acima de tudo, de carácter ascético (Cf. FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *op. cit.*, pp. 27-31).

²² TAVARES, António, “O IV centenário natalício do franciscano Frei Agostinho da Cruz: o lírico inspirado pela Musa Arrábida”, citado por FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *op. cit.*, p. 272.

²³ Citado por NEVES, Moreira das, “Frei Agostinho da Cruz, poeta de Nossa Senhora”, in *Subsídios para a História da Terra de Nóbrega e do Concelho de Ponte da Barca, II*, p. 242.

²⁴ SILVA, Vítor Manuel Aguiar e, *op. cit.*, pp. 29-30. Cfr. também *ibidem*, p. 254.

Camões explora, de igual forma, este tópico maneirista. Ele é, de facto, o poeta do desconcerto do mundo e do desengano.

²⁵ *Ibidem*, p. 33.

²⁶ CRUZ, Agostinho da, *Sonetos e Elegias*, p. 113.

*Em ti, de piedade e de brandura,
Doce penhor do penitente errado,
Em ti, Cristo Jesus dependurado
A salvação do mundo dependura.*

*Em ti, se consumou toda a crueza,
Que em corações humanos se acendia
Contra todas as leis da natureza.*

*Mas em ti se tornou, em alegria
Da nossa redenção, toda a tristeza;
Oh Cruz, defesa nossa, nossa guia”²⁷.*

Contemplando Cristo crucificado ou os instrumentos da Paixão, Agostinho da Cruz apresenta “outro ângulo de emoção”. O que mais o impressiona não é a crueldade, o sofrimento ou os pormenores das feridas. O que mais o impressiona é, isso sim, o facto de “serem manifestação e prova do amor de Deus pelos homens, mistério de redenção, e, por isso, os seus poemas ora se tornam um acto de júbilo, ora um acto de contrição, ou ambos, ao mesmo tempo”²⁸.

A sua poesia é, portanto, profundamente cristocêntrica, de tal modo que o tema da contemplação da humanidade e Paixão de Jesus e o desejo de se crucificar com Ele constituem um tópico quase omnipresente²⁹:

*[...] “E quando não puder chegar a quanto
Se deve, a tal Senhor, tal amor seu,
Comigo ficarei fazendo pranto.*

*Que quero aqui neste ermo mais de meu,
De quanto esta alma minha mais deseja,
Que dar-me a quem por mim todo se deu?”³⁰.*

*[...] “De que me serve a mi, ou que me presta,
Tudo quanto ter possa em toda a vida,
Senão para pagar a quem ma empresta,
Qual branda cera ao fogo derretida?*

*No fogo do meu Deus minha alma seja,
Quer sarada por ele, quer ferida.
Onde quer que estiver com ele esteja,*

*Esteja com seu Deus, sua cativa,
Sem ele só um momento se não veja,
Com ele morra, só com ele viva”³¹.*

²⁷ *Ibidem*, p. 53.

²⁸ FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *op. cit.*, p. 187.

²⁹ Cfr. FERREIRA, Maria Eugénia Pedro de Jesus, *op. cit.*, pp. 85-99; BELCHIOR, Maria de Lourdes, “Poesia e Mística: Frei Agostinho da Cruz”, in *Os homens e os livros, séculos XVI e XVII*, Verbo, Lisboa, 1971, pp. 52 e 62.

Aguiar e Silva diz que “a voga singular de que usufrui na lírica maneirista a temática cristocêntrica” se deve à influência franciscana e à influência da Companhia de Jesus, “cuja espiritualidade concedeu grande relevo à humanidade de Jesus e aos mistérios da Paixão” (SILVA, Vítor Manuel Aguiar e, *op. cit.*, p. 344).

³⁰ CRUZ, Agostinho da, *Sonetos e Elegias*, p. 217.

³¹ *Ibidem*, p. 220.

No seu itinerário espiritual e poético, Agostinho da Cruz segue um percurso recorrente nos ascetas e místicos. À descoberta, através do sofrimento e da experiência da imperfeição humana, de que o mundo nada é e nada vale sucede um sentimento de atroz desengano que, por sua vez, abre o coração atormentado à procura e à conversão ao único amor que o pode perfazer:

*[...] “Que quem por desconcerto se desconcerta
Na vida solitária se deleita
Onde a quietação está mais certa.*

*Ah, que temos um Deus, que nos aceita,
Tão branda, tão suave e docemente
Depois que o mundo falso nos enjeita”³².*

É esta, aliás, a síntese do movimento didático e catequético³³ que perpassa, por exemplo, as éclogas e as elegias de Agostinho da Cruz: “referência a um ou vários acontecimentos que se transformam em queixa do mundo (ou queixa de si), por sua vez transformada em desprezo do mundo (ou desprezo de si) e desengano. Esse desengano, necessariamente tempo de vazio e de deserto, alarga a fragilidade do homem e a visibilidade de Deus, companheiro no sofrimento e vitorioso sobre ele, em seu filho, *Redemptor* do mal – seja este a dor, seja a calúnia, seja a ingratidão, seja o pecado reconhecido e confessado – abrindo-se, nesse reconhecimento da falta, o caminho para uma experiência mais profunda de procura do absoluto e encontro com ele, no amor de Deus”³⁴.

Daí, então, a particular sensibilidade aos “claros sinais de amor”, aos “tão claros sinais de piedade” que a Paixão e os instrumentos da Paixão lhe manifestam. A imitação de Cristo – crucificado – e, nessa imitação, o dever e a missão de ser testemunho e ensinamento, *professor* da Cruz, é, de facto, um dos temas mais caros e recorrentes na sua obra.

Neste processo de encontro consigo e de caminhada em direcção ao absoluto e ao encontro com ele, a natureza desempenha um papel nuclear³⁵. Mais do que refúgio e confidente, ela é epifania, ou seja, a natureza muda, que escuta o que diz o eu poético, torna-se silêncio que revela, convidando-o à escuta e ao diálogo:

*[...] “Os olhos meus dali dependurados,
Pergunto ao mar, às ondas, aos penedos
Como, quando, por quem foram criados?*

³² CRUZ, Agostinho da, “Apêndice I. Poesias inéditas de Frei Agostinho da Cruz contidas no manuscrito BNL FG 7691”, in SILVA, Vítor Manuel Aguiar e, *op. cit.*, p. 514.

³³ Não restam dúvidas de que Frei Agostinho da Cruz “compôs os seus poemas com intenções pedagógicas de catequese que visasse à conversão dos homens, seus irmãos” (BELCHIOR, Maria de Lourdes, “Poesia e Mística: Frei Agostinho da Cruz”, p. 70). “Tais propósitos manifesta-os logo num soneto que marca uma viragem na sua escrita, prolongamento da sua mudança de vida, onde conta que queimara os versos que cantara na mocidade cega e chora ter tão mal cantado, dizendo que não lhe importa que os novos versos, que então escreve, não sejam bem aceites: ‘Pois não os escrevi para louvores / Humanos, pelo menos perigosos, // Senão para plantar em tenros peitos / Desejos de colher divinas flores / À força de suspiros saudosos’” (FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *op. cit.*, pp. 102-103).

³⁴ FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *op. cit.*, p. 106.

³⁵ Uma das singularidades na obra de Fr. Agostinho da Cruz é a presença de várias éclogas piscatórias. E a adopção deste subgénero bucólico não é uma simples curiosidade literária, mas algo que se compreende se tivermos em conta a vivência espiritual do frade arrábido e o facto de se transformar de pastor em pescador, significando com isso o antes e o depois da sua conversão (Cfr. FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *op. cit.*, pp. 75-77).

*Respondem-me sem segredo, mil segredos,
Cujas letras primeiras vou cortando
Nos pés de outros mais verdes arvoredos.*

*Assim, com cousas mudas conversando,
Com mais quietação delas aprendo
Que de outras que ensinar querem falando”³⁶.*

A natureza revela Deus ao poeta, é uma realização e manifestação da perfeição e dos benefícios divinos. Mas a verdade é que a mediação suprema continua a ser a contemplação e o encontro com o Cristo crucificado, expressão máxima do seu Amor. Para Agostinho da Cruz, “a descoberta do rosto de Deus não é só a descoberta do Deus Criador, mas é também, e sobretudo, a descoberta do Deus Redentor”³⁷.

4. Conclusão

Teixeira de Pascoaes considera a obra de Frei Agostinho da Cruz o “canto mais sincero e puro que se ouviu em terras de Portugal”³⁸.

E a verdade é que a sua poesia é a história de uma conversão, a narração de uma aprendizagem, a convicção de um testemunho, um exemplo que ensina.

Concluimos com as palavras de Afonso Lopes Vieira, na sua rádio-mensagem, em 1940, para assinalar o IV centenário do nascimento de Frei Agostinho da Cruz, “um poeta soberanamente poético”:

“Admiremo-lo, pois, como a sua alma e a sua poesia merecem.

Admiremo-lo como um dos mais puros, mais doces e subtis cantores da Alma Cristã.

Admiremo-lo como sendo dos maiores poetas portugueses e como um herói do Espírito”³⁹.

³⁶ CRUZ, Agostinho da, *Sonetos e Elegias*, p. 161. “Aqui [na serra d’Arrábida] com mais suave compostura / Menos contradição, mais clara vista, / Verei o Criador na criatura” (*Ibidem*, p. 177).

³⁷ FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *op. cit.*, pp. 117-118. “Mostrai-me, meu Senhor, em que deserto, / Em que ribeira, vale, monte ou serra, / Enquanto me deixas andar na terra, / Do céu me deixareis andar mais perto. // [...] Mas como, e donde posso defender-me, // [...] Senão sendo metido em vosso lado / Para todo de mim mesmo esquecer-me, / E só de vós, meu Deus, ser alembado?” (CRUZ, Agostinho da, *Obras*, pp. 207-208).

³⁸ PASCOAES, Teixeira de, *Os poetas*, p. 111.

³⁹ VIEIRA, Afonso Lopes, *art. cit.*, p. 238.